Viril sagacidade: um distinto contorno feminino

Ricardo Iannace*

* Universidade de São Paulo (Doutorando).

Em meados dos anos 50, quando os televisores ainda se restringiam a imagens monocromáticas, inúmeras eram as famílias que ocupavam as salas de visita, após o jantar, assistindo a um determinado ciclo de filmes norte-americanos: o chamado *western*, por exemplo, gênero bem corrente entre nós. Dessas canhestras produções cinematográficas irrompiam valentes e temidas mulheres, como a xerife Calamity Jane, apta no manejo do gatilho, além de outras personagens, não mais celibatárias, cuja glória residia em feitos briosos, quer impelindo munições a fim de salvaguardar a honra de suas linhagens, quer, ao lado dos cônjuges, entornando os cartuchos das espingardas por entre altas venezianas.

Conceber a coragem dessas mulheres como simples resposta às leis de sobrevivência daquele velho oeste seria ignorar uma ordem segmentada do feminino, porque tais figurantes, que há tempo assenhoram coletivos imaginários, filiam-se a uma legião mais remota e suprema, a um universo ímpar demarcado por incisivos traços, os quais consolidam expressivo desenho no quadro da ficção. Ei-la, por sinal, como signo que melhor parece outorgar tal galeria de mulheres... míticas, esculpidas em seus próprios reveses, conforme atesta *A donzela-guerreira - um estudo de gênero*, livro de Walnice Nogueira Galvão.

Sem dúvida, a autora estabelece “um estudo de gênero”, considerado em seus múltiplos estratos. O gênero masculino/feminino, objeto de sondagem das ciências sociais, é nessa obra analisado a partir de recortes que mimetizam travestidos papéis. Cria-se um mosaico de peças refletoras, assentado num plano onde condutas singulares se correlacionam. Pois esses encadeados ensaios de

Walnice Nogueira Galvão ganham na medida em que percorrem culturas ambivalentes e apontam para um leque diversificado de *personas*. Daí a recorrência contígua a nomes como Palas Atena, Afrodite, Iansã, Iemanjá, as guerreiras Amazonas, Joana d'Arc, Simone Weil, Anita Garibaldi, dona Bárbara de Alencar, Chiquinha Gonzaga, Diadorim, Mula-Marmela, Lucíola, além de várias outras entidades inerentes ao âmbito cível, literário, mí(s)tico e pagão. Afirma-se:

“Para melhor compreender a donzela-guerreira, é preciso compará-la com as demais. Entre tantos destinos de mulher, ela se destaca, de saída, por ser *outra*: ela *não* é mãe, nem esposa, nem prostituta, nem feiticeira, etc. Seu nicho muito especial deve ser procurado onde não radica nenhuma dessas.”

(p. 34)

Incorporadas às páginas de ficção, ora como protagonistas, ora sob o estigma de mote ou assunto do texto literário, estas donzelas-guerreiras se encontram impressas em *gênero* e estilo alternados. Isto é, integram-se aos versos de Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, à prosa infanto-juvenil de Monteiro Lobato, ao romance naturalista de Domingos Olímpio e ao regionalismo de Guimarães Rosa, à narrativa modernista de Mário de Andrade e ao conto de Machado de Assis e de Clarice Lispector – tal como a outros escritos de tipologia vária também selecionados por Walnice (ensaios, manuais de folclore, modinhas populares etc.) que, mesmo não pertencendo à categoria ficcional, acabam conferindo a cada uma destas mulheres estatuto de personagem, tamanha a opacidade que envolve o olhar de historiadores e antropólogos que sobre elas inferem.

Ao olhar enamorado destes pesquisadores acoplam-se demais testemunhos, os quais validam a existência e a personalidade daquelas que se determinam como grupos de frente, abdicando *uniformizadas* da vida sexual. Por certo, descendem das guerreiras Amazonas, que mutilavam um dos seios com o propósito de facilitar a acomodação dos fuzis. Quando não afiguram discretas donzelas, emersas de análogos facções, comprometidas com bandos armados sem que efetivamente com algum dos artilheiros venham a se relacionar. No entanto elegem um parceiro – recluso, ‘inadimplente’ à pulsão viril, preso ao enlevo desperto por aquela a quem credita o mesmo sexo, nela desconhecendo as distintas genitálias, próprias de um corpo delgado que aliás, no avançar da noite, banha-se em densas e descampadas águas.

Versadas na arte do disfarce, estas moças não tencionam somente vingar a morte de um pai ou de um irmão, o estilo de vida mais egresso é o que as seduz. Foragidas, tomadas por um impulso de justiça, constroem para si um ritual avesso às práticas convencionalmente femininas. Flertam uma entoação, um andar ou

um corte de cabelo masculino, apropriando-se de uma *natureza* que em certa esfera lhes pertence.

A propósito, afiança-se nesse livro que o estereótipo de Sansão “não serve para a donzela-guerreira, que *perde* o cabelo para *ganhar* a guerra: nela, o corte de cabelo tem sobretudo o caráter de uma investidura”. A autora ainda complementa: “Para o homem, aquilo que cresce em seu corpo é a sua força; donde, para um homem, cortar aquilo que cresce em seu corpo é castração, é perda, é fraqueza. Para uma mulher, cortar aquilo que cresce em seu corpo não é castração, é ganho, é aquisição de força”. Assim, “o corte de cabelo poderia representar ainda um sacrifício da animalidade, da instintividade, da sexualidade, a exemplo da tonsura dos padres”. E mais: “Ao sacrificar sua cabeleira, a donzela-guerreira estaria sacrificando também sua especificidade enquanto mulher, aceitando que os valores masculinos preencham sua cabeça, transformem-se em idéias dela” (p. 175).

Em realidade, *A donzela-guerreira – um estudo de gênero* penetra outros terrenos senão o literário. Projeta-se de forma a ocupar não apenas as estantes reservadas à Crítica e Teoria da Literatura, identificando-se com obras cujo mérito se deve também à especulação em demais pólos das ciências humanas – a considerar, salvo patentes diferenças, *Os sertões* de Euclides da Cunha, narrativa sobre a qual Walnice Nogueira Galvão há anos vem se debruçando e de que provavelmente resulta muito do teor de seu trabalho, comprometido com a história e cultura de nosso país.

Mesmo porque, no estudo sobre as donzelas guerreiras, a ensaísta não hesita em abarcar o panteão africano, onde se incluem cultos populares, orixás e mães-de-santo. Examina comportamentos de grupos cangaceiros e rituais de tribos indígenas, sendo a mulher, pois, o feixe desencadeador da composição dos *achados* dessa sensível compiladora que anexa à sua escrita parte dos textos responsáveis pelo nascimento desse livro... Ousado. Que *chama* estórias, sincroniza mulheres, avalia cristalizadas sentenças freudianas e jungianas. Que trata de tudo um pouco sem incorrer em redução. Que figura exemplo primoroso de pesquisa. E de fato prova o quanto o texto literário está *envolvido*.

No que tange a ‘envolvimento’ – já de conotação afetiva, homossexual –, pergunta-se em que proporção o mesmo se disseminaria entre esses *fortes* pares femininos. Sobre tal matéria a autora preferiu não incidir, optando, sim, por incitar o leitor a uma outra cadeia de curiosidades. Aguçando-lhe, com maestria, interesses aproximados ao de Pedrinho, neto de dona Benta, quando enviado à Hipólita, rainha das amazonas.

Eis que observa o narrador lobatiano:

“Acostumado a ver nas mulheres do século XX uns seres delicados, frágeis, graciosos, Pedrinho espantava-se do porte imponente e da rija musculatura das amazonas. Cada qual era o que se chama ‘uma mulher e tanto’. Belas, sim, duma beleza forte de estátua. E que cavaleiras! Realmente davam idéia de centauros, isto é, de formarem um só corpo com os cavalos. Uma que passou a galope num formoso cavalo branco trouxe a lembrança das correrias de William Boyd nas fitas americanas” (p. 55).

Referências Bibliográficas

GALVÃO, Walnice Nogueira, *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: SENAC, 1998.